



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Zé Carioca e a Cultura Brasileira¹

Roberto Elísio dos Santos

IMES (Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul)

Resumo

Criado pelos animadores do Estúdio Disney como parte da estratégia da chamada “Política da boa vizinhança” empreendida pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, o papagaio *Zé Carioca* passou a representar o Brasil entre os animais falantes que compõem o Universo Disney. Mas, a partir da década de 1950, quadrinhistas brasileiros passaram a acrescentar ao personagem elementos marcantes da cultura do país nas histórias que elaboraram, sempre sem crédito, para as revistas publicadas no Brasil. Sua personalidade, já marcada pela cordialidade, nos desenhos animados, também foi acrescida da malandragem, da indolência e da fanfarronice, características que podem ser encontradas em outros personagens da literatura (*Macunaíma*), do cinema (*Oscarito e Grande Otelo*), dos quadrinhos (*O Amigo da Onça e Doutor Macarra*) e do imaginário brasileiro.

Palavras-chave

Histórias em Quadrinhos, Zé Carioca, Cultura brasileira.

¹ Trabalho apresentado no NP16 – Núcleo de Pesquisa História em Quadrinhos, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Introdução

Uma das características mais importantes dos quadrinhos Disney refere-se a sua produção descentralizada: como produto licenciado, absorve diferentes visões estéticas e até ideológicas dos artistas que os elaboram. Essas histórias acabam por incorporar as características culturais dos países que produzem essa narrativa seqüencial.

Além dos Estados Unidos, os quadrinhos Disney têm sido criados na Itália, França, Holanda e Dinamarca. Os artistas italianos (como Romano Scarpa e Giorgio Cavazzano), por exemplo, revestem esse produto cultural de características muito particulares: os roteiros são mais cínicos e violentos e abordam, também, problemas sociais e ambientais.

No Brasil, a produção de quadrinhos Disney foi intensa de 1959 a 2000. Embora os artistas tenham criado narrativas com diversos personagens do Universo Disney (Donald e seu tio rico, Mickey, entre outros), as histórias protagonizadas por Zé Carioca ganham relevância, seja pela quantidade, seja no que se refere ao conteúdo.

Este texto objetiva, portanto, mostrar a evolução do personagem Zé Carioca e como a ele foram associadas idéias e atitudes que caracterizam a personalidade do povo e as contradições da sociedade brasileira.

A origem do personagem

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo norte-americano engajou vários artistas (os cineastas Orson Welles e John Ford, por exemplo) no esforço de angariar a adesão dos países latino-americanos à luta contra o nazi-fascismo. Os interesses políticos (e, depois, econômicos) dos Estados Unidos trouxeram à América Latina o produtor de desenhos animados Walt Disney (que, na época, enfrentava uma greve em seu estúdio) e alguns cartunistas de sua equipe. Em sua estadia, criaram diversos personagens ligados aos países latino-americanos para o cinema de animação, entre eles o papagaio brasileiro *Zé Carioca*.



Em sua gênese, *Zé Carioca* (da mesma forma que o galo mexicano *Panchito*, o pássaro *Aracuan*, entre outros personagens) cumpria uma função política: integrar os países da América Latina ao esforço dos aliados. Assim é que *Zé Carioca* tem sua criação marcada por interesses geopolíticos, econômicos e culturais, mas pode-se também perceber a preocupação dos artistas do Estúdio Disney de captar e usar como estofos dos personagens características reais dos brasileiros.

Antes de enveredar pelos quadrinhos, porém, o papagaio fez carreira em desenhos animados, como cicerone das excursões de *Donald* (o turista perplexo que descobre a existência de um lugar e uma cultura diferentes) pelo pedaço mais exótico do continente americano (na visão de Hollywood). No filme "Você já foi à Bahia?", por exemplo, o papagaio brasileiro é mostrado como um tipo falastrão, afetuoso, simpático e hospitaleiro (mesmo quando disputa com o pato a atenção da bela baiana, mantém-se alegre e afável), que conduz o amigo americano pelas ruas estilizadas e idílicas da Bahia, lugar onde há sempre festa, malandros e belas "iaiás" dançando e cantando (mas, sintomaticamente, não existem negros entre eles).

Mesmo considerando que a concepção hollywoodiana do país e de seus habitantes contenha elementos folclóricos, idealizados e estereotipados, há que se perguntar se esta imagem foi inteiramente inventada pelos artistas americanos. A forma "cordial" (no sentido que Sérgio Buarque de Holanda¹ emprega) como *Zé Carioca* é caracterizado no desenho animado foi percebida pelos animadores ou passada a eles, de forma sincera ou não, por brasileiros com quem tiveram contato. *Zé Carioca* é a personificação do "homem cordial" brasileiro, o "boa praça", animado, que trata os amigos com efusão e despreendimento. Estas características são mantidas quando da elaboração do *Zé Carioca* protagonista de narrativas seqüenciais impressas (tiras e histórias feitas para *comic-books*), mas sua personalidade ganha profundidade pelo acréscimo de elementos culturais e sociais do país: nos quadrinhos, o papagaio torna-se **malandro** e participa (como vítima e algoz) das **contradições da realidade brasileira**.



O personagem dos quadrinhos mistura a simpatia e a cordialidade que possui nos desenhos animados à malandragem, à esperteza, que, se não chega a se tornar crime, tampouco pode ser considerada ética. *Zé Carioca* harmoniza o paradoxo de cordialidade e malandragem, não como contradição, mas como condição intrínseca de sua personalidade: sua cordialidade suaviza a malandragem, evitando que ele (e, por extensão, o brasileiro que representa) se torne o vilão da história. Sua malandragem reveste-se de função narrativa – é ela que impulsiona suas desventuras.

O antropólogo Roberto Da Matta², ao estudar o "dilema brasileiro", identificou três momentos do cotidiano do país, três rituais (desfiles militares, procissões e Carnaval), que marcam a identidade do brasileiro. A cada um desses ritos corresponde um personagem que possui uma das faces do povo, que o distingue de outros povos: ao primeiro, associa o "caxias" (autoritário, que concebe o mundo por meio das leis, da burocracia); o segundo é o espaço do "renunciador", do romeiro penitente que se despoja dos bens materiais em nome da fé, chegando a se tornar "herói"; já no terceiro, regido pelo princípio social da *inversão* (que se opõe à rigidez burocrática da lei e do ascetismo da fé), destaca-se o "malandro", tipo que incorpora o caos da festa e nega as hierarquias. Torna-se uma figura deslocada, que não se enquadra na ordem estabelecida, mas também não quer contestá-la.

Zé Carioca circunscreve-se nestas condições: não faz parte da massa pobre e trabalhadora nem pertence à camada abastada. Apesar de morar no morro ou no subúrbio e de comungar com seus habitantes determinados hábitos (comer feijoada, jogar ou assistir a partidas de futebol, participar de escola de samba) quer, na verdade, auferir do conforto da vida dos ricos. Os golpes que aplica visam aplacar uma necessidade imediata (almoçar em um restaurante caro e sofisticado, conquistar a garota bonita e rica, hospedar-se em hotéis de luxo etc.). Embora queira possuir bens materiais e dinheiro, não deseja tornar-se proprietário ou investidor: tudo o que obtém com suas artimanhas é consumido rapidamente, destina-se a propiciar-lhe ócio e felicidade momentâneos.

No que se refere aos personagens Disney, *Zé Carioca* diferencia-se, em primeiro lugar, por sua condição de anti-herói. *Donald* compartilha com o amigo brasileiro a certeza de ser excluído da sociedade, de ter acesso vetado ao que ela tem de melhor, mas enquanto



o pato protesta despejando sua ira destruidora (querendo, sempre, ser aceito), *Zé Carioca* reage a essa situação tentando revertê-la por meio da malandragem. Já *Mickey* é o "caxias", que se pauta pela obediência cega às normas, tornando-se o guardião das leis, impedindo que sejam violadas. Se *Donald* quer se integrar e não consegue e o papagaio rejeita a integração (pelas exigências vinculadas a ela, como família e trabalho), *Mickey* se empenha em conservar a sociedade, não por motivos pessoais, mas como uma missão que deve cumprir, por ser herói.

Quando se faz uma analogia entre *Zé Carioca* e os personagens saídos do imaginário brasileiro constata-se a "brasilidade" que o papagaio de Disney foi adquirindo ao longo de seu processo de aculturação. Sua indolência, por exemplo, o aproxima de *Jeca Tatu* e de *Macunaíma* (principalmente do segundo, o matreiro anti-herói modernista, já que a preguiça do primeiro é consequência do descaso a que é submetido o homem do campo no Brasil). Várias narrativas sequenciais (e capas de sua revista, publicada pela Editora Abril desde 1961) têm como enredo o "sono profundo" de *Zé Carioca*: em "Anacozeca X Soneca", com arte de Carlos Edgard Herrero, realizada em 1977, seus cobradores o seqüestram enquanto dorme, mas não conseguem acordá-lo para que pague as dívidas; e na história "Uma rede meio diferente", desenhada por Eli León em 1996, o papagaio descobre que sua rede é uma rara peça de artesanato, mas só permite que seja exposta no museu se puder continuar dormindo nela.

A malandragem o aproxima ainda mais de *Macunaíma* e de outros anti-heróis nacionais, como *Pedro Malasartes*, *Beto Rockefeller* e *O Amigo da Onça*. Presente em narrativas orais populares, *Malasartes* tem por justificativa aos golpes que aplica a vingança contra as condições a que está submetido. O personagem de Péricles (ver capítulo I), por sua vez, utiliza-se de expedientes escusos não para fins materiais (característica de *Zé Carioca*), mas para sobrepujar seus adversários, que são enganados para que possa satisfazer seu prazer sádico, "seu desejo de poder", como diz Marcos Antonio da Silva³, provando sua superioridade.



Os objetivos da malandragem podem diferir entre os três personagens citados, mas a conduta malandra de cada um deles é um indício do subdesenvolvimento da sociedade brasileira. Além disso, *Zé Carioca* identifica-se com *Doutor Macarra* por sua fanfarronice, para demonstrar uma força que não possui ou uma habilidade que desconhece. Em comum com este personagem – e também com a versão quadrinizada da dupla das chanchadas cinematográficas *Oscarito* e *Grande Otelo* – *Zé Carioca* ainda tem a ojeriza pelo trabalho, um defeito que se tornou o mito da mandriice do povo.

A recusa de se submeter às regras rígidas do sistema não se limita à rejeição ao trabalho, mas também a outras obrigações impostas pela sociedade, como o casamento. Apesar de ser apaixonado por *Rosinha*, que, além de tudo, tem um pai rico, o papagaio resiste à idéia do matrimônio, pois sabe que, ao constituir família, será obrigado a aceitar as normas sociais que repudia, como na história "O Zé vai casar?", publicada em 1996.

Pode-se traçar, então, um paralelo com os anti-heróis dos catecismos de Carlos Zéfiro⁴ (publicações de quadrinhos eróticos vendidas clandestinamente nas décadas de 1950 e 1960) – embora deva ser ressaltado que não há referência à atividade sexual nas histórias de *Zé Carioca*: ele só quer desfrutar da boa vida que a fortuna do futuro sogro lhe proporciona, sem as imposições do casamento –, que opõem-se à sexualidade consentida (por meio do matrimônio) e buscam o prazer transgressor (do adultério ou do amor livre). Da mesma forma, os amantes de Zéfiro possuem moral ambígua e são oportunistas (não perdem a oportunidade de fazer sexo quando ela se apresenta), o que implica disponibilidade dos personagens (sem as amarras sociais do trabalho e do casamento, entregam-se livremente à luxúria).

Histórias em Quadrinhos de *Zé Carioca*

O processo de aculturação à vida brasileira do papagaio malandro criado por Disney só pode ser totalmente apreendido pela análise dos diversos momentos por que passou o personagem nos quadrinhos. Assim, é preciso dividir sua trajetória em quatro etapas: a **Fase Americana**, das páginas dominicais e das narrativas feitas para os *comic-books*, nos



anos 40, por artistas americanos; a **Fase de Transição**, quando o quadrinhista argentino Luis Destuet incorporou *Zé Carioca* às histórias que realizava; a **Fase de Adaptação**, em que os artistas brasileiros iniciaram a produção nacional, no final da década de 50; e a **Fase de Assimilação**, a partir de 1970, com o personagem já imerso na cultura e na realidade do país, por obra de argumentistas, desenhistas e editores argutos e conscientes.

Durante sua estada no Brasil, Walt Disney conheceu vários artistas brasileiros. Em uma recepção realizada no Palácio do Itamarati, no Rio de Janeiro, e organizada pelo DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda do governo getulista, Disney teve contato com os cartunistas Nássara, Luiz Sá, Álvaro Cotrim (mais conhecido como Alvarus) e J. Carlos. Este último impressionou tanto Disney com um desenho de um papagaio, que foi convidado para trabalhar em Hollywood, mas acabou desistindo. Na mesma época, Luiz Sá publicava em "O Tico-Tico" histórias cômicas de uma página do esperto papagaio *Faísca*.

Zé Carioca protagonizou suas primeiras narrativas seqüenciais publicadas nos Estados Unidos a partir de 11 de outubro de 1942 (que durou até 1º de outubro de 1944) na série "Disney's Sunday Pages", alguns meses antes do lançamento do desenho animado "Alô, amigos". Suas páginas dominicais foram sucedidas pelas do galo mexicano *Panchito*, personagem que contracena com *Donald* e o papagaio brasileiro em "Você já foi à Bahia?". A primeira seqüência dos quadrinhos com *Zé Carioca* – escrita por Bill Walsh, desenhada por Bob Grant (que, depois, foi substituído por Paul Murry) e com arte-final de Dick Moores – já apresenta a grande contradição da realidade brasileira: nas vinhetas iniciais, o leitor vê as belas paisagens do Rio de Janeiro e, em seguida, o morro, com barracos de madeira aglomerados entre o mato e o lixo. Em um desses casebres mora, *Zé Carioca*, que dorme sob um cobertor remendado, sonha com a corista que aparece na foto recortada de um jornal e toma banho de bacia com um regador fazendo a vez de chuveiro. Ele passa arrogante por seus vizinhos pobres (entre eles, o corvo *Nestor*, que se tornará seu amigo).

Na cidade, decide almoçar em um restaurante caro, embora esteja sem dinheiro. Aqui são colocadas as dicotomias em relação ao Brasil e ao personagem: o país



(representado pelo Rio de Janeiro, sua capital na época) divide-se entre o morro (pobreza) e a cidade (riqueza), e *Zé Carioca*, habitante do primeiro local, tenta pertencer ao segundo.

Os enredos da **Fase Americana** de *Zé Carioca* abordam suas tentativas de subir na vida sem fazer esforço, usando apenas lábia e perspicácia. Tratam, também, de suas conquistas amorosas, como a bela herdeira *Rosinha*. Nas páginas editadas de 25 de abril a 5 de setembro de 1943, com arte de Murry, o papagaio quer ser empresário teatral de uma vedete que se passa por cantora lírica. Ela fracassa ao interpretar "música séria", mas é aplaudida ao dançar em trajes sumários. Sua carreira termina, porém, quando o noivo, lutador de boxe, a pede em casamento, frustrando os planos de *Zé Carioca*.

Além das páginas dominicais, *Zé Carioca* protagonizou narrativas seqüenciais criadas para os *comic-books* por artistas americanos. Sem contar com a quadrinização do desenho "Você já foi à Bahia?", que Walt Kelly transformou em "Os três cavalheiros", em 1945, o papagaio apareceu também nas histórias "O rei do Carnaval" ("The Carnival King"), de 1942, "Zé Carioca e seu galo de briga" e "A volta dos 3 Cavalheiros", ambas de 1944. Na primeira, feita por Carl Buettner, *Zé Carioca* engana o porteiro para entrar de graça em um baile de Carnaval e ganha um prêmio, mas precisa fugir por ser peneta. O enredo da segunda mostra a amizade de *Zé Carioca* com um pequeno galo, que se torna lutador e vence seu adversário, maior e mais forte. Já a terceira, com arte de Buettner, acompanha o reencontro de *Donald*, *Zé Carioca* e *Panchito*. Os amigos latinos vão à terra do pato (Estados Unidos), onde aprontam confusões, por não estarem acostumados com a civilização. São estrangeiros arruaceiros que fazem o anfitrião ser punido por suas atitudes de bárbaros.

Depois de alguns anos sem aparecer nas histórias em quadrinhos norte-americanas, *Zé Carioca* retorna quando o argentino Luis Destuet começou a elaborar histórias com os personagens Disney para a publicação portenha "El Pato Donald" e para as revistas editadas pela Editora Abril, no começo dos anos 50. Esta é a **Fase de Transição** por que passa *Zé Carioca*, que se torna inicialmente um adjuvante nas aventuras protagonizadas por *Donald* e seus sobrinhos. Um exemplo deste tipo de narrativa é a aventura "Donald fazendeiro", editada originalmente na Argentina, em 1950, na revista "El Pato Donald" números 308 a



314. Quando o pato recebe o pedido de ajuda de um tio que possui uma fazenda na Amazônia, parte com seus sobrinhos para o Brasil, onde, guiado por *Zé Carioca*, combate o vilão *João Bafo-de-Onça*, que pretende apossar-se das terras, em cujo subsolo "há petróleo". Cabe a *Zé Carioca* apenas apoiar as iniciativas do pato e criar situações cômicas. A maioria das histórias protagonizadas pelo papagaio feitas por Destuet eram curtas e cômicas, como "A volta de Zé Carioca", "Campeão de futebol" e "Contraponto musical", publicadas no Brasil em 1955. Na primeira, após seu regresso do exterior (não há indicação de onde esteve), o papagaio reencontra *Rosinha* (com um visual hispânico) e tem de enfrentar um rival, o urubu trapaceiro e invejoso *Haroldo*. As narrativas são ambientadas no Brasil, mas a paisagem e a arquitetura lembram outros países latino-americanos.

No final dos anos 1950 tem início a **Fase de Adaptação** de *Zé Carioca* à realidade brasileira em histórias escritas por Alberto Maduar e Cláudio de Souza e ilustradas por Jorge Kato e, depois, por Waldyr Igayara. Este momento estendeu-se pela década de 60 e tem como característica envolver o personagem no cotidiano brasileiro e também cercá-lo de elementos típicos da cultura nacional, ao mesmo tempo em que ele continua a contracenar com os outros personagens Disney. Assim, em "Zé Carioca contra o goleiro Gastão", desenhada por Jorge Kato em 1961, e publicada no primeiro número da revista "Zé Carioca" (correspondente ao número 479 de "O Pato Donald"), o primo sortudo de *Donald* quer conquistar *Rosinha* e disputa uma partida de futebol contra o time do papagaio. Já na história "O tesouro do Capitão Gancho", *Zé Carioca* ajuda *Peter Pan* e *Sininho* a vencer os piratas no lago do Parque Ibirapuera. E, em "O tesouro de Lampião", o papagaio serve novamente de guia turístico, desta vez para *Mickey* e *Pateta*, que viajam pelo Nordeste e têm de confrontar *João Bafo-de-Onça*, líder de um bando de cangaceiros.

Igayara e o roteirista Claudio de Souza usavam temas do cotidiano (a exemplo das histórias de uma página em que o papagaio era mostrado como um eloqüente camêlo) e da cultura brasileira daquele momento, como a Jovem Guarda e os festivais de música – em "O rei do ié-ié-ié" e "Um festival embananado", ambas editadas em 1968 –, nos enredos vividos por *Zé Carioca*.



No início dos anos 70, duas histórias serializadas, escritas por Ivan Saidenberg e desenhadas por Herrero, "Robinzé Crusoé" e "Zé Babá e os 40 Metralhas", tentaram mudar o personagem, mas a idéia não funcionou porque *Zé Carioca* foi tirado de seu contexto. Na primeira narrativa, ao criar confusões durante a produção de um filme com locação na África, é abandonado no meio da selva, onde vive novas aventuras. Já a segunda mistura humor, espionagem e ficção científica, quando *Zé Carioca* viaja para a Arábia.

A partir de 1971, porém, Renato Canini (artista gaúcho que havia participado, no início da década de 60 da CEPTA – Cooperativa Editora e de Trabalho, que tinha por objetivo ampliar o espaço do quadrinho nacional) inicia a **Fase da Assimilação**, na qual o papagaio está imerso na realidade brasileira e tem exacerbadas suas principais características, como aversão ao trabalho, a preguiça e a malandragem. Outros artistas brasileiros, como Herrero, Euclides Miyaura e Eli León continuaram nesta linha até a década de 1990.

No trabalho de Canini, *Zé Carioca* volta a habitar o morro (como nas páginas dominicais criadas por quadrinhistas americanos nos anos 40), onde mulheres esfarrapadas arrastam seus filhos, levando à cabeça a trouxa de roupa lavada. Na ambientação, há sempre ônibus lotados e no casebre do papagaio falta água – como em "Quanto mais quente, pior", editada em 1972 –, o que contrastava com a idéia de "país em desenvolvimento" propagada pelos governos militares.

Mais enquadradas na visão oficial foram as sete narrativas ufanistas (feitas por encomenda) ilustradas por Ignácio Justo e escritas por Ivan Saidenberg, nas quais *Zé Carioca* ensina seus sobrinhos sobre as forças armadas, a exemplo de "História da Marinha do Brasil", produzida em 1974.

Zé Carioca passou a participar, nesta etapa, de eventos típicos da cultura brasileira, como o Carnaval, e não mais em bailes, mas na escola de samba do subúrbio onde mora – como "Zé do Carnaval", criada pelo artista gaúcho, em 1976 –, e a Festa Junina – a exemplo de "Segura o rojão" e "Festa na Roça", desenhadas por Canini. O futebol



também voltou a ser tema constante dos enredos em: "Futebol não tem lógica" e "Zé Pelé", também realizadas por Canini.

As desventuras de *Zé Carioca* (ambientadas no Rio de Janeiro) também o levam a outros lugares, como o sul do país em "Como é burro o meu cavalo!", ilustrada por Canini em 1972; o Pantanal, mostrado na revista "Zé Carioca – Edição Ecológica", publicada em 1992, quando da realização da ECO-92, com arte de Herrero; e a Bahia – onde conhece Caetano Velloso e o escritor Jorge Amado –, na história "Um carioca à baiana" (ZC- 2088), que o roteirista Genival de Souza e o desenhista Luiz Podavin elaboraram em 1997. Seus parentes, todos papagaios, vêm de diferentes Estados do Brasil, como o mineiro *Zé Queijinho* e o cearense *Zé Jandaia*, entre outros. O papagaio malandro convive, ainda, com figuras do folclore brasileiro, como na história "O Saci" (ZC-1419), que Herrero ilustrou em 1977.

Herrero e Miyaura fizeram, no final dos anos 70 e início da década de 80 (época em que o Brasil padecia com a dívida externa), várias narrativas em que os cobradores do papagaio se organizam e fundam a Anacozeca (Associação Nacional dos Cobradores do *Zé Carioca*). O personagem, assim como o país que representa, não pode e não quer pagar suas contas. Mas, se por um lado, o papagaio é caloteiro e malandro, por outro, não deixa sua malandragem virar crime. Ele engana o próximo para tirar vantagens – em "Xurupita Tur", ele se passa por guia para levar turistas estrangeiros a sua vila –, mas combate malfeitores como *Morcego Verde* ou detetive da "Agência Moleza", idealizada por Canini em 1973. Se comete um crime, não o faz deliberadamente: em "O bandidão", ilustrada por Igayara em 1968 – adaptada de "Mickey, o terrível bandido" ("Gangland"), escrita por Bill Walsh em 1946, com arte de Floyd Gottfredson –, ao levar uma pancada na cabeça depois de sair do cinema onde havia assistido a um filme de gângster, *Zé Carioca* pensa ser um criminoso. Ao voltar ao normal, auxilia a polícia a prender uma quadrilha de ladrões.

Com o tempo, os personagens secundários das histórias de *Zé Carioca* foram aumentando: além de *Rosinha* e seu pai rico (*Rocha Vaz*) e do corvo *Nestor* (este personagem acaba sendo vítima das "armações" do papagaio malandro) – todos criações



dos artistas Disney norte-americanos –, fazem parte de sua turma o negro *Pedrao Feijoada* (criado em 1961 por Jorge Kato, um dos pioneiros e parcos representantes da raça negra nos quadrinhos Disney), seus sobrinhos *Zico e Zeca* (também concebidos por Jorge Kato, em 1961), o pato confuso *Afonsinho* e *Zé Galo*, o rival que pretende conquistar sua namorada. Em 1997, *Rosinha* ganhou uma sobrinha, *Gabi* (idealizada por Primaggio Mantovi), mais esperta que o papagaio, como pode ser constatado na história "Cuida do meu bichinho!", escrita por Lúcia Nóbrega e desenhada por Eli León, na qual o papagaio tem de cuidar do bichinho virtual da menina e acaba se atrapalhando.

Embora os quadrinhistas brasileiros tenham modificado graficamente o personagem (hoje, em lugar do terno, da gravata borboleta e do chapéu palheta – roupa típica do malandro carioca da década de 1940 –, o papagaio veste camiseta, calça *jeans* com a barra virada e usa boné com a aba para trás e tênis nos pés), sua personalidade se mantém, mesmo que suas atitudes possam ser consideradas politicamente incorretas.

Em 1987, por exemplo, a coleção "Série Ouro Disney" mostrava em cada edição um personagem vivendo uma situação diferente da que o público está habituado a ler (o casamento de *Donald* e *Margarida* ou *Pateta* como astro de Hollywood). Entre estas narrativas, encontra-se "*Zé Carioca, o Zé-cutivo*" – com roteiro de Júlio de Andrade Filho e desenho feito por diversos quadrinhistas, entre eles Irineu Soares Rodrigues, Verci Rodrigues de Mello e Luis Podavin. Em clima onírico, o papagaio sonha ter ganhado muito dinheiro na loteria, tornando-se um executivo milionário. Participar de reuniões e viagens de negócios, contudo, o entedia muito, principalmente por não poder mais jogar futebol e sambar com os amigos, já que, em sua nova posição social, estes são hábitos que deve esquecer. Quando acorda, *Zé Carioca* descobre que continua pobre e endividado, mas prefere esta situação à vida de sonho.

Este tipo de enredo já havia sido utilizado na história "Bilionário por um dia", que Jorge Kato ilustrou em 1961, na qual *Tio Patinhas* encarrega *Zé Carioca* de cuidar da caixa-forte enquanto viaja. O papagaio aceita a incumbência, imaginando levar uma "vida de bilionário", que, para ele, é marcada por ócio e luxo. Ingênuo e sem o costume de lidar com grandes quantias de dinheiro, é espoliado por negociantes inescrupulosos e assaltado



pelos *Irmãos Metralha*. Mas, com a ajuda do sortudo *Gastão*, consegue reverter o prejuízo e recuperar o dinheiro roubado. No final da narrativa, deixa *Tio Patinhas* perplexo por preferir voltar a sua vida simples.

As duas histórias servem para reforçar os traços marcantes da personalidade de *Zé Carioca*: sua incompatibilidade com a riqueza tem origem na sua ojeriza pelo trabalho e por todas as obrigações que a fortuna imporia a ele (dinheiro, na sua opinião, serve para proporcionar uma boa vida, justamente o oposto da rotina de um executivo). Se para *Tio Patinhas* o dinheiro é a justificativa de sua existência (acumular e manter riquezas é sua única motivação) e para *Donald* tem como função atrair fama, para o papagaio serviria apenas para trazer mais comodidade.

Outra série que tratou das características do personagem foi "O Destino do *Zé Carioca*" – publicada em três edições em 1996, com roteiro de Genival de Souza e arte de Almir Amâncio. Depois de aprontar muitas malandragens – inclusive com seus amigos –, de dar calote e continuar sendo preguiçoso, o papagaio recebe um ultimato de seu *Destino* (um fantasma que veio adverti-lo pelo mau comportamento): ou muda seu jeito ou vai ficar sem amizades, sem o amor de *Rosinha* e poderá se tornar um indigente. Além de confrontar-se com sua consciência, o malandro ainda enfrenta os raptos do cão de guarda de seu sogro, *Rocha Vaz*. No desfecho, *Destino* percebe que não pode alterar a natureza de *Zé Carioca* e adere à sua maneira malandra.

Conclusão

Como pôde ser observado, a produção brasileira de quadrinhos Disney tem levado aspectos da cultura nacional até o Universo Disney, principalmente nas histórias protagonizadas por *Zé Carioca*. Paulatinamente, esse produto cultural de origem norte-americana foi sendo aculturado e ganhou contornos muito nítidos de brasilidade. Como os artistas italianos, os quadrinhistas brasileiros conseguiram adequar os enredos à realidade nacional. Incorporado ao imaginário popular, *Zé Carioca* revestiu-se com a imagem do tradicional malandro (arquétipo que tem raízes no comportamento do brasileiro) – mesmo



com a atualização sofrida pelo personagem com o decorrer dos anos –, transformando-se em figura análoga a outras da cultura nacional advindas dos "causos" transmitidos oralmente, da literatura, do cinema (as chanchadas com Oscarito e Grande Otelo; Mazaropi interpretou *Jeca Tatu* e *Pedro Malasartes* na tela grande) e também dos quadrinhos. O papagaio malandro vive situações típicas do cotidiano e tem uma relação sincrética com valores culturais distintos do Brasil (da Escola de Samba ao folclore, do futebol aos movimentos musicais, da praia à TV).

Uma história que sintetiza a aculturação dos quadrinhos Disney à cultura brasileira é "De Rio para Rio", elaborada pela equipe de quadrinhistas da Editora Abril em 1995, na qual *Zé Carioca*, para escapar à ira das pessoas que caíram em seus golpes, resolve visitar seu primo gaúcho. No Rio Grande do Sul, ele auxilia o primo *Zé Pampeiro* a impedir que dois bandidos tomem suas terras, mas acaba "vendendo" o Cristo Redentor para o delegado da cidade. Nesta narrativa são descritos hábitos da região sul do país (maneira de vestir, de falar etc.) e reafirmadas as características de *Zé Carioca*: ao mesmo tempo em que auxilia na captura dos malfeitores (já que o personagem, apesar de ser malandro, não desrespeita a lei), continua enganando os "otários", pois faz parte de sua natureza tirar proveito das fraquezas alheias (ingenuidade, ambição etc.).

Os artistas brasileiros inscrevem no Universo Disney elementos típicos da realidade nacional ou do imaginário popular (embora alguns sejam estereotipados) – dos costumes e lugares às qualidades (a alegria sempre presente nas histórias e no próprio *Zé Carioca*) e defeitos (a malandragem, a disposição de obter vantagens a partir do logro, da matreirice, do "jeitinho") do povo e da nação. Em contato com a cultura brasileira, portanto, os quadrinhos Disney ganham novas significações.

Bibliografia

CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.



-
- . *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Europa/Funarte, 1990.
- . *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COMA, Javier. *Los comics: un arte del siglo XX*. Barcelona: Guadarrama, 1978.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DORFMAN, Ariel e MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald – cultura de massa e colonialismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ELIOT, Marc. *Walt Disney – o príncipe sombrio de Hollywood*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MAROVELLI, Piero, PAOLINO, Elvio e SACCOMANO, Giulio. *Introduzione a Paperino – la fenomenologia sociale nei fumetti di Carl Barks*. Firenze: G.C. Sansoni, 1974.
- MARTINS, José de Souza. *O modo capitalista de pensar*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- MIRANDA, Orlando. *Tio Patinhas e os mitos da Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- MOYA, Álvaro de. *O mundo de Disney*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.
- NADER, Ginha. *Walt Disney, prazer em conhecê-lo – sua vida, obra, parques e sucessores*. São Paulo: Maltese, 1993.
- Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta* vol. 1, n. 3. Cuba: Editorial Pablo de la Torriente, setembro de 2001.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *Para reler os quadrinhos Disney – linguagem, evolução e análise de HQs*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SILVA, Marcos Antonio da. *Prazer e poder do Amigo da Onça (1943-1962)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SMITH, Dave. *Disney A to Z – the updated official encyclopedia*. New York: Hyperion, 1998.



Notas

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 106-108.

² DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990, p. 213.

³ SILVA, Marcos Antonio da. *Prazer e poder do Amigo da Onça (1943-1962)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 91-92.

⁴ A esse respeito, ler o capítulo 7 do livro *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*, de autoria de Moacyr Cirne (Rio de Janeiro: Europa/FUNARTE, 1980); do mesmo autor, o capítulo 5 do livro *Quadrinhos, sedução e paixão* (Petrópolis: Vozes, 2000) e o artigo “Historieta pornográfica brasileira. Uma visión Del erotismo em la cultura latinoamericana em lãs obras del artista Carlos Zéfiro”, publicada na *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta* volume 1, número 3 (Cuba: Editorial Pablo de la Torriente, setembro de 2001).